

## **Conjuntura global e manifestações no Brasil: nexos e reflexões sobre tensões contemporâneas**

Este trabalho tem como objeto uma análise reflexiva e a tentativa de estabelecer nexos conjunturais entre manifestações políticas contemporâneas, a saber, os movimentos de ocupações de ruas globais como: *Occupy Wall Street* (EUA), os indignados da Praça do Sol (Espanha), a Primavera Árabe (ocorrida em amplo território oriental); e os casos brasileiros das Jornadas de Junho de 2013 e ocupações de escolas. A priori, é perceptível que todos os episódios tiveram características comuns; descentralização, um teor crítico a forma tradicional de manifestação política, mobilização por redes, assim, podem ser entendidas como típicas ações dos Novos Movimentos Sociais (Gohn, 2017). Por serem formas relativamente recentes de mobilização política, demandam a necessidade de um entendimento profundo, precedido de uma descrição reflexiva consistente. Os autores deste texto vivenciaram as manifestações brasileiras supracitadas e no percurso teórico investigativo, se depararam com as similaridades em relação aos fenômenos internacionais apontados. Foi utilizada a metodologia de observação participante e também foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o estado da arte que trata das lutas sociais contemporâneas. No campo teórico, mobilizamos principalmente o pensamento de Braudel e sua concepção sobre a duração da experiência, assim como a descrição de Gohn no que se refere aos Movimentos Sociais e Gramsci, em seu debate sobre a vontade coletiva. Parcialmente, concluímos que os manifestantes vinculados ao objeto de estudo apresentado, demonstram formas de confronto e indignação com o *status quo*, seja na contestação dos sistemas de representação política hegemônicos, uma indignação com a lógica capitalista prevalecente e a crítica às estruturas políticas contra hegemônicas tradicionais, como os partidos de esquerda. As manifestações culminam em grandes mobilizações que encontram nas redes sociais um potencial de expansão, gerando desdobramentos importantes e também contradições e dilemas. Estes movimentos são virtuosos na sua capacidade de gerar uma grande visibilidade política, contudo no desdobramento histórico-social se deparam com tensões que demandam um esforço de compreensão por parte do pensamento social atual.

## Introdução

Este trabalho tem como objeto uma análise reflexiva e a tentativa de estabelecer nexos conjunturais entre manifestações políticas contemporâneas, a saber, os movimentos de ocupações de ruas globais como: *Occupy Wall Street* (EUA), **os indignados da Praça do Sol** (Espanha), **a Primavera Árabe** (ocorrida em amplo território oriental); e **os casos brasileiros das Jornadas de Junho de 2013 e ocupações de escolas**.

A metodologia utilizada foi de observação participante<sup>1</sup> e também foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o estado da arte que trata das lutas sociais contemporâneas. No campo teórico, mobilizamos principalmente o pensamento de Braudel e sua concepção sobre a duração da experiência, assim como a descrição de Gohn no que se refere à teoria dos Movimentos Sociais e por fim, nos debruçamos sobre o pensamento de Gramsci, em seu debate sobre a vontade coletiva.

Descrevendo brevemente os fenômenos de luta recentes, começamos por uma ordem cronológica, tratando da **Primavera Árabe**, que teve início ao fim de 2010 e se caracterizou por uma forte onda de protestos que mexeu com as estruturas de antigos regimes na Tunísia, Egito, Líbia, Síria, Iêmem e Barein.

Na Tunísia, país que teve o marco inicial da onda de lutas, houve um avanço importante no sentido de consolidar uma democracia política. Em dezembro de 2010 Mohamed Buazizi, ateou fogo no próprio corpo, após apreensão das frutas e verduras que vendia na rua pelas autoridades locais. Este ato de saturação e revolta com a opressão local desencadeou uma gama de protesto sem precedentes históricos. As manifestações transpuseram as fronteiras da Tunísia e gerou uma mudança política no país quando o ditador Zin el Abidin Bem Ali fugiu da nação.

Ditaduras de décadas foram derrubadas após meses de intensas mobilizações populares. A Primavera árabe teve especificidades em cada nação. Por uma questão objetiva, não discutiremos caso a caso, mas apontaremos linhas gerais desse fenômeno.

---

<sup>1</sup> Uma ponderação relevante se faz necessária, pois a observação participante foi feita com fins investigativos, nas ocupações de escolas no Rio de Janeiro, no ano de 2016. Durante as Jornadas de Junho de 2013, na cidade do Rio de Janeiro, os autores do texto participaram de diversas manifestações, contudo, o engajamento na ocasião se deu por outros propósitos que não os de pesquisa.

Apesar da força e importância da Primavera Árabe, com exceção da Tunísia, todas as demais nações continuam sendo autocracias mais ou menos rígidas, como o exemplo do Egito. Alguns países faliram como o Iêmen e Líbia, outros viraram campos de batalha intensos, como a Síria<sup>2</sup>.

As redes sociais foram utilizadas como instrumento de mobilização e isso pode ser considerado, de certo modo, um legado deixado pela onda de revoltas. Contudo, guerras com variáveis religiosas e com interferência imperialista também assolam diversos países, como a Síria. No Egito há relatos de que o regime atual é ainda mais opressor do que o de Mubarak.

É possível verificar que os desdobramentos da Primavera Árabe ainda estão fortemente presentes nesta região do planeta, embora ainda haja tendências contraditórias em relação ao início das mobilizações.

Formas de lutas semelhantes (via redes sociais) e com apelo de solidariedade mútua tomaram proporções globais. Chegou então à Europa tendo as ocupações de espaços públicos e greves na Espanha um impacto social significativo.

**Os indignados da Praça do Sol**, na capital espanhola se reuniram no espaço público, em maio de 2011, com o lema: novas vias de participação e transformações sociais, democráticas e pacíficas. Indignados com a situação social do país e motivados por novas possibilidades de construções coletivas futuras, milhares de espanhóis se mobilizaram nas ruas.

Este movimento teve forte apelo por uma democracia real e foi marcado também pela crítica a crise de 2008 que teve desdobramentos na Espanha.

Uma peculiaridade interessante desse caso foi a criação de uma alternativa política e eleitoral concreta que foi o Partido Podemos<sup>3</sup>. Este vem pautando debates políticos consideráveis na Espanha.

Sobre o *Occupy Wall Street* (EUA), após profunda crise em 2008, quando o Estado americano chegou a intervir na economia, subsidiando bancos privados com enormes quantias de dólares, saltou aos olhos uma série de protestos cujo epicentro foi datado em setembro de

---

<sup>2</sup> Ver mais: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978\\_043457.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978_043457.html) . Acesso em: 15 de maio de 2018.

<sup>3</sup> Ver mais: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/15/internacional/1431679318\\_951340.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/15/internacional/1431679318_951340.html) . Acesso em: 15 de maio de 2018.

2011. Também a ampliação do desemprego e a precariedade social local contribuíram para o acirramento dos ânimos.

Inspirado nos movimentos europeus, as manifestações estadunidenses, para Alves (2012) revelam que as redes sociais demonstram uma globalização “dos de baixo” contra os “de cima”.

Há no *OccupyWall Street* (OWS) um forte apelo crítico ao capitalismo real e uma reivindicação por uma democracia radicalizada que vai também contra o Estado capitalista. São caracterizados como movimentos democráticos, mas com difícil precisão no entendimento a curto e médio prazo.

As **Jornadas de Junho de 2013**, no Brasil, como descreve Nogueira (2013) revelou uma crise profunda de representatividade e de legitimidade. Algo que era adormecido na sociedade civil local, de repente se apresenta “espontaneamente” e intensamente como consensual. Junho se demonstrou um imenso caldeirão de ideias, indignações, contestação da política e etc. e impactou a vida política brasileira de certo modo.

Gohn (2017), de certo modo, sistematiza um tempo de uma conjuntura que vai de 2013 a 2016, no Brasil, no qual regularidades podem ser verificadas. Os movimentos que surgem após 2013 trazem muitos elementos “novos” e abrem espaço para organizações que apontam para clivagens no contexto político nacional, a exemplo dos movimentos Movimento Brasil Livre (MBL) e Vem pra Rua (VPR), que estão no campo da direita e centro-direita. Ou os próprios estudantes que ocuparam escolas que tem pautas mais afins com a esquerda.

Não podemos deixar de pontuar que organizações de extrema direita ganharam espaço também e ocuparam as ruas, inclusive pedindo intervenção militar imediata no Brasil.

Nogueira (2013) descreve que uma massa foi às ruas pelo país inteiro, inicialmente motivadas pela luta pela diminuição do preço das passagens<sup>4</sup> e depois várias pautas foram agregadas nas inúmeras e volumosas manifestações que aconteceram.

O autor também aponta semelhanças entre as lutas nacionais e o contexto do capitalismo global. Contudo as manifestações brasileiras não tinham um alvo muito claro, como o *Occupy Wall Street*, mas adquiriu um caráter difuso, contra o sistema político como um todo e não se voltou contra nenhum governo ou governante específico.

---

<sup>4</sup> Na ocasião um movimento que existe a mais de uma década, o Movimento Passe Livre (MPL) ajudou a organizar a luta, fundamentalmente em São Paulo, epicentro das jornadas.

Para Nogueira (2013) a crise política, apesar de latente no país, encontrou em junho o desenho concreto de uma crise profunda. Em um cenário, descrito por ele, de hipermodernidade uma nova politicidade surgiu à margem dos partidos e organizações. As jornadas foram abertas ao protagonismo de muitos atores, demandas e pautas, porém também foram cenário de intolerância e incompreensão. Muito foi dito, porém poucas soluções foram levantadas. Sem dúvidas tirou a política da letargia.

**As ocupações de escolas no Brasil**, de certo modo, seguiu esta tendência, pois foi oriunda de uma grave crise (tanto política, quanto econômica) que repercutiu em categorias tradicionalmente organizadas, como os educadores, que fizeram greve e diversos protestos, mas que também se desdobrou em atos protagonizados por jovens estudantes secundaristas.

Especificamente, no âmbito escolar brasileiro, podemos destacar o mês de setembro de 2015 como um importante momento para o acirramento das tensões sociais. Nesse período, em São Paulo, eram anunciadas medidas, por parte do governo do estado, que através de uma proposta denominada de reorganização escolar, sinalizava o fechamento de quase cem escolas. Além disso, o projeto apresentado traria impacto na vida de um milhão de alunos que seriam transferidos das suas respectivas unidades educacionais de origem para que as escolas passassem a atender exclusivamente um ciclo educacional (ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio). Essas medidas, completamente verticais e arbitrarias, não foram construídas com os setores interessados e diretamente impactados por elas, quais sejam, a comunidade escolar como um todo (Campos, Medeiros e Ribeiro, 2016).

Em 2016 esse fenômeno ganha proporções nacionais e estudantes de outros estados também ocupam escolas, como no Paraná e Rio de Janeiro.

A priori, é perceptível que todos os fenômenos abordados anteriormente tiveram características comuns; descentralização, um teor crítico a forma tradicional de manifestação política, mobilização por redes, assim, podem ser entendidas como típicas ações dos Novos Movimentos Sociais (Gohn, 2017).

Parcialmente, concluímos que os manifestantes vinculados ao objeto de estudo apresentado, demonstram formas de confronto e indignação com o *status quo*, seja na contestação dos sistemas de representação política hegemônicos, uma indignação com a lógica capitalista prevalecente e a crítica às estruturas políticas contra hegemônicas tradicionais, como os partidos de esquerda. As manifestações culminam em grandes mobilizações que encontram nas redes sociais um potencial de expansão, gerando desdobramentos importantes e também contradições e dilemas. Estes movimentos são virtuosos na sua capacidade de gerar uma grande visibilidade política, contudo no

desdobramento histórico-social se deparam com tensões que demandam um esforço de compreensão por parte do pensamento social atual.

Apontando então às semelhanças e distinções entre os fenômenos aqui descritos, tentaremos pontuar de forma geral às nuances centrais.

Primeiramente sobre a conjuntura global, a luta anti-globalização se fez presente no *Occupy Wall Street* (EUA) e nos indignados da Praça do Sol (Espanha). Desde a crise de 2008, os EUA viviam um momento de indicadores sociais que acirraram os ânimos locais. O último processo eleitoral revelou isso, em certa circunstância, principalmente na figura do pré-candidato democrata a presidência da república – Bernie Sanders.

Na Espanha o Partido Podemos (criado em 2014) está no espectro da esquerda e banca lutas populares e na busca por direitos da população local.

A Primavera Árabe estampou no horizonte a demanda, há muito reprimida, por eleições nos diversos países em que ela foi palco. Variáveis locais também protagonizaram as lutas. Assim como as experiências europeia e estadunidense, a Primavera Árabe teve um forte caráter anti-hegemonia político e econômica local. De todos os movimentos analisados nesse texto talvez foi o de maior caráter revolucionário, pela capacidade de mudança do *status quo* local. Estamos falando de décadas de ditaduras.

Embora a Europa e os EUA estejam enquadrados em uma experiência histórica (capitalista) de ao menos dois séculos, esses países desfrutaram de processos democráticos no campo político e puderam usufruir de certo estado de bem estar social para seu povo. A árabe é completamente diferente.

Às Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, manifestavam uma inquietação com o poder político (nacional e locais), mas não tiveram como fim a derrubada de governos. As demandas eram difusas e a narrativa está em disputa.

As ocupações de escolas podem ser consideradas como desdobramentos das jornadas de junho, porém com um caráter ideológico mais bem desenhado do que as Jornadas de junho.

Em uma breve análise panorâmica verificamos as diferenças entre essas experiências, mas em todas o caráter de redes prevaleceu, o que os enquadra analiticamente nos chamados NMS.

## **Discussão teórico-metodológica**

Ao discutir as Teorias dos Movimentos Sociais, Gohn (1997) descreve que o paradigma dos chamados Novos Movimentos Sociais (NMS) mobiliza explicações que partem de aspectos conjunturais, envolve microprocessos da vida cotidiana e tem como categorias básicas cultura, identidade, autonomia, subjetividade, interação política, cotidiano, representações e etc. Segundo a autora este paradigma tem forte influência da interpretação pós-estruturalista e pós-moderna da cultura e seria uma crítica ou discordância do paradigma marxista denominado de ortodoxo. Para Gohn (2017) o novo não é uma categoria analítica, uma ferramenta dada *a priori*, mas é uma construção histórica. Deste modo, o pesquisador deve levantar informações, sistematizar os dados e interpretar os fenômenos diante de uma conjuntura.

As análises sobre os movimentos sociais no Brasil estão pautadas em duas vertentes de discussões, quais sejam: uma primeira, voltada para descrição de casos empíricos e outra, menos frequente, que se dedica a análise teórica dos paradigmas dos Movimentos Sociais (GOHN, 1997). Este texto aqui apresentado se aproxima da primeira perspectiva sistematizada por Gohn, pois buscamos entender as manifestações destes fenômenos recentes do século XXI. O respaldo teórico dado por Gohn é pertinente neste estudo, pois localizamos no trabalho de campo pontos de convergência com o paradigma dos Novos Movimentos Sociais (NMS).

Apesar dessas características que configuram o paradigma dos NMS, especificamente, a crítica ao marxismo, verificamos nesta importante vertente elementos para pensar sobre o objeto em questão. O legado gramsciano ajuda o entendimento do fenômeno e na sua dimensão da práxis social pode auxiliar na transformação da realidade concreta. Coutinho (2017, p.812) destaca que Gramsci define a vontade coletiva como algo fundamental que movimenta o ser humano e materializa possibilidades de mudanças na ordem social, econômica e política. Contudo, o autor destaca que esta vontade teleológica emerge das relações concretas, não de modo tão espontâneo (radicalmente inédito), e na relação de práxis se forja. Verificamos isso empiricamente, nas atividades de ida à campo, pois os jovens ocupantes de escolas encontraram na própria ação direta um sentido de construção de subjetividade, consciência de classe e de possibilidade de mudanças, que é exatamente a práxis humana em movimento.

Ainda pensando sobre os jovens que ocuparam escolas e os demais fenômenos em análise nesse texto, todos apostaram na ocupação dos espaços públicos como formas de expor e fortalecer a sua luta. Desta forma, reproduzem mecanismos historicamente acumulados.

Contudo esse objeto é imbuído de especificidades históricas, no qual precisamos mobilizar pensadores contemporâneos, como Gohn (1997, 2017) e Nogueira (2013), para apreender algumas categorias do tempo presente. Sobretudo o uso de redes sociais e a crítica às formas tradicionais de organização política, como os partidos, revelam um caráter próprio, ainda sem muitos precedentes históricos.

Novamente retornamos à Gramsci para fazer uma tentativa de síntese dialética que dê conta das contradições do objeto, da historicidade, particularidade, mediações e totalidade.

Ao tratar da espontaneidade das classes subalternas, Gramsci enxerga um potencial de construção de uma consciência da “classe para si”, Gramsci (2011, p. 194). É um desafio sociológico e político historicizar as categorias mobilizadas por este pensador para entender as manifestações dos confrontos vigentes. Talvez os casos da Espanha (com o Podemos) e da Tunísia sejam perspectivas mais concretas desta possibilidade que Gramsci levanta.

Nestes dois casos movimentos que inicialmente se apresentavam de uma maneira “espontânea” construíram a *posteriori* agendas políticas de curto, médio e longo prazo. Desta forma tanto o Podemos como a Primavera tunisiana permaneceram mobilizando experiências muito próximas ao que os NMS fazem e também apontaram como horizonte a disputa pelo espaço político já estabelecido (como o parlamento).

Neste sentido nos deparamos com o pensamento braudeliano no qual o autor vai discorrer sobre o tempo, sua duração e como interpretá-lo. O acontecimento (ou algo que ocorre aqui agora) pode se alongar se configurando como uma experiência de proporções que produzem sentidos com uma profundidade significativa nas relações sociais.

Os acontecimentos que privilegiamos nesse estudo adquiriram um caráter de média duração (ou de um tempo de uma conjuntura). Verificamos por conseguinte uma possibilidade de articulação entre Gramsci e Braudel (1981).

A espontaneidade dos movimentos se desdobram em um tempo de média duração que precisa ser compreendido na contemporaneidade. À conjuntura que vem se desenhando após a Primavera Árabe, às Jornadas de Junho e as ocupações de escolas no Brasil abrem um leque de uma série de manifestações da sociedade civil que, no nosso entendimento, significam que a experiência contemporânea que foi aberta por esses NMS está durando ainda hoje.

O desafio teórico é entender a dimensão da práxis desses fenômenos, uma vez que os sentidos, as interpretações e os rumos estão sendo construídos e encontram-se em disputa.



## Considerações finais

Carneiro (2012) destaca que a rebelião popular voltou à ordem do dia, no Brasil, lembrando para muitos os movimentos de maio de 1968. Como pano de fundo verifica-se a crise social econômica e financeira. Wood (2011) entende que a globalização vê na democracia hoje um fator limite para a manutenção do mecanismo de reprodução da ordem capitalista altamente financeirizada.

Desta forma, estes movimentos captam esta tendência exploratória civilizatória e manifestam uma revolta ao que está posto. Contudo, frisa Carneiro (*Idem*), estes movimentos se concretizam de forma um tanto quanto que espontânea, são contra o *status quo*, inclusive criticando às estruturas partidárias representativas e sindicais vigentes, porém não forjam uma nova articulação orgânica que construa alternativas à ruptura da ordem hegemônica.

Antônio Gramsci nos ajuda a levantar possibilidades futuras sobre possíveis desdobramentos desses processos. Vale destacar que este conjunto de manifestações que envolvem dimensões culturais, políticas, econômicas, até mesmo religiosas ainda precisam de muita reflexão histórica para uma compreensão mais profunda. Entendemos que localizar as similaridades entre às distintas experiências é um passo inicial importante.

Especificamente no Brasil, não restam dúvidas das influências deste contexto global. Às redes sociais aqui ganham um protagonismo e levantam também contradições, como a forte tendência anunciada de às eleições de 2018 serem marcadas por *fake news*<sup>5</sup>.

Se às Jornadas de Junho de 2013 contestaram também à ordem política brasileira em um sentido de rebeldia, houve também um fortalecimento do pensamento autoritário e conservador. Esta pauta conservadora já estava presente nas manifestações das Jornadas de junho, porém não é algo que pode ser entendido em um tempo de curta duração. Ao menos, desde o golpe militar de 1964 estes sentidos já estavam presentes.

Esta pesquisa trabalha no sentido de entender e historicizar as respectivas experiências que foram materializadas até então. Para isso levamos em consideração o caráter da práxis dialética desses fenômenos.

---

<sup>5</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/as-vesperas-da-eleicao-congresso-cria-frente-parlamentar-de-combate-as-fake-news.shtml> Acesso em 24 de maio de 2018.

Concluimos, até o presente momento, que os NMS analisados são virtuosos na capacidade de gerar visibilidade para si. É possível perceber que as agendas desses movimentos também são distintas, sendo que alguns adquirem determinadas características que potencializam a sua ação no médio e curto prazo. Outros perderam fôlego, ao menos por enquanto.

## Referências

- ALVES, Giovanni. Ocupar Wall Street... e depois? In: HARVEY, David (Et al.) Occupy. Movimentos de Protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior. 2012.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. 3ª Ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
- CAMPOS, Antonia; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio (2016) Escolas de Luta. Coleção Baderna. São Paulo, Veneta.
- CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação: rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David (Et al.) Occupy. Movimentos de Protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior. 2012.
- GOHN, Maria da Glória. Teorias dos Movimentos Sociais- Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. 1. ed. SÃO PAULO: Edições LOYOLA, 1997.
- \_\_\_\_\_. Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo: Cortez, 2017.
- GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere, v. 1. Introdução ao Estudo da Filosofia a filosofia de Benedetto Croce. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- \_\_\_\_\_. Cadernos do Cárcere, v. 3. Maquiavel, Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª Ed.. Rio de Janeiro, 2011.
- \_\_\_\_\_. Cadernos do Cárcere, v. 6. Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª Ed.. Rio de Janeiro, 2014.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; XIMENES, Salomão Barros. Políticas educacionais e a resistência estudantil. Revista Educação e Sociedade, vol.37, n. 137. Campinas. Oct./Dec. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302016171219>
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. As ruas e a democracia: ensaios sobre o Brasil contemporâneo. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira (FAP); Rio de Janeiro: contraponto, 2013.

WOOD, Ellen. Democracia contra o capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2011.